

Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXIV | #142 | mar/abr 2015

Escalada esportiva
Oeste da Bahia

Montanhismo
Sul do Pantanal

Técnica
Erosão em chapeletas



Highlander 50+10L
 Eleito Melhor Produto Nacional pelo Guia de Equipamentos da Revista Go Outside 2014.

2014 Go Outside MELHOR PRODUTO NACIONAL

VELOX
 CORDURA
 Tecidos leves, altamente resistentes e duráveis

Capa de proteção

Alças e barrigueiras anatômicas, costado com regulagem de altura

www.curtlo.com.br •    /curtlobr

#VidaAoArLivre

Internacional

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Nos últimos dias li um artigo na internet da McKenzie Long (<http://cardinalinnovative.com/?p=389>), uma criativa design e montanhista, e este me deixou inquieta e pronta pra escrever algo. Eu costumo compartilhar, arquivar e salvar todo o interessante que leio ao longo do mês pra voltar depois e ler com calma e como uma forma de ter sempre material disponível para leitura e escrita. Então eu tinha passado um final de semana conversando com um grupo de escaladores, e o dito por McKenzie ia de encontro diretamente à minha angústia e mal estar. M. Long é uma conhecida escaladora americana de uma cidade montanhosa dos Estados Unidos e autora do livro High Sierra Climbing além de outros trabalhos em design e layout de publicações em escalada. Ela questiona, e isso chama a atenção de escaladoras como Daila Ojeda, com todo o conteúdo da americana compartilhado em seu blog, como nós mulheres lidamos com nossas capacidades, habilidades e elogios. Começo lembrando então da essência do escalar, do andar nas montanhas, do estar em nosso ambiental natural e intrínseco, as rochas. Seja como trabalho ou esporte, buscamos nossas potencialidades, alegrias, o conhecer a nós mesmos e parcei-

ros, o lidar com frustrações, parcerias, o estar feliz. Quando eu escuto então em um ambiente de escalada críticas e elogios em demasia a alguém ou à algum estilo, homem ou mulher, os comentários clássicos (e chatos) sobre graduação, sobre quem escala mal ou bem, e até sobre a RAPIDEZ, sim, a rapidez de alguém escalando, eu me entristeço muito de não estar escutando sobre beleza de uma via, sobre os sentimentos de se estar lá, sobre como seu parceiro de escalada é amigo, calmo, divertido, espirituoso, sábio, experiente e de quais lugares já viajou.

O texto de McKenzie na verdade, não é exatamente sobre isso. Sua indignação é acerca de nossos propósitos como mulheres de esconder de nós mesmas nossas alegrias e capacidades, é sobre nossa humildade e baixa auto estima como escaladoras. É sobre não crer em nossas capacidades, sobre nossa dificuldade de aceitar elogios, ou ainda de como ressaltamos e deixamos valorizar nossas limitações.

Mas eu estendo o texto conflitante a todos nós, escaladores, homens ou mulheres. Quantos de nós deixamos de ESCALAR, na sua essência e significado, preocupa-

dos em atendermos padrões, cobranças, rótulos e principalmente, atingir a NORMALIDADE. Quantos de nós deixamos de viver tranquilos, tentando inconscientemente atender expectativas? Sem crer em nós mesmos, nossas habilidades, peculiaridades, vontades?

Deveríamos ao invés disso, estarmos encontrando nossas habilidades e paixões. Caminhando em direção a rocha, seja como for, sem deixar que ninguém nos diga como e porque temos que fazer dessa ou outra forma. Deveríamos estar estudando, lendo, nos informando. Fazendo cursos, cuidando da nossa segurança, nos garantindo. Valorizando os bons parceiros, não do tipo que escalam melhor, mas do tipo que nos fazem rir e ainda cozinham pra gente. Aprendendo a cozinhar na montanha, ou comprando uma barraca, ou não, ninguém disse que precisa disso tudo pra escalar. A gente deveria estar preocupado em ser a gente mesmo. Preocupado não, ocupado. Ocupado em viver mais, se descobrir, se perceber. Usando a roupa que quiser, se não tiver a tecnológica, ela facilita a vida, mas não precisa deixar de ir se não tiver de bota ou de camiseta respirável. Precisamos encontrar nosso ritmo, nosso passo, nossa evolução. Deixar opiniões,

dogmas, regras. Precisamos escalar mais, para nós mesmos. Pois ao final, as recordações verdadeiras da vida dizem respeito muito mais aos verdadeiros sentimentos e as verdadeiras emoções, e esses são só seus, somente você, mesmo com toda e qualquer opinião contrária, sabe o que importa. A autora fala ainda de assumir plenamente a propriedade das coisas que somos bons, as coisas que dão certo na gente, as habilidades que levamos anos para construir, as limitações que tivemos que transpor e somente nós sabemos de nosso esforço.

Se para muitos escalar é natural, para outros pode ter significado uma mudança absurda de estilo de vida, superação e luta contra adversidades. Valorizar a sua história é se alegrar com suas vitórias seja elas menores para alguns. Que a gente consiga ser mais humano e menos escalador. Mais amigo e menos competitivo. Mais emocional e menos técnico. Que a gente possa saber mais da própria segurança, pra ajudar e não pra criticar. Que a gente valorize cada segundo em paz. Que a gente consiga falar mais de fatos e coisas e menos de pessoas. Que a gente viva e escale mais e fale e menos. Que a gente se ame mais.

Novas companhias, novas viagens

Trilhas & RUMOS

Trilhas Orbi
 Bolsa de viagem com rodinhas, alça telescópica e um dos compartimentos em estrutura rígida. Super reforçada. Possui pontos refletivos.

Para uso como mochila ou mala de mão. Bolso frontal destacável virando mochila de ataque. Capa de chuva e armação embutida. Tecido de alta resistência.

Trilhas Pilatt
 Para pequenas viagens e dia a dia. Super reforçada. Três bolsos externos, grande espaço interno, fundo rígido e pontos refletivos.

Com rodinhas e alça telescópica.

Bolso frontal vira mochila de ataque.

www.trilhaserumos.com.br
 R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresopolis - RJ - (21) 2742-9652 - Fax: (21) 2742-6781

Vestuário

Mochilas

Sacos de dormir

Acessórios

Linha proteção solar

Conforto térmico para você aproveitar ainda mais o verão.

#AVidaAconteceLaFora

www.solobr.com



UPF 50+
SOLO

Atleta, escalador profissional ou profissional da escalada?

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

Atleta: - substantivo masculino

1. aquele que combatia nos jogos solenes da Grécia e Roma antigas; lutador - substantivo de dois gêneros

2. praticante de qualquer tipo de esporte; desportista, esportista

2.1 praticante de exercícios atléticos (corridas, saltos, lançamentos etc.)

3 indivíduo robusto, de sólida compleição; indivíduo dado aos exercícios do corpo e nesses bem adestrado; hércules

4 Derivação: sentido figurado.

patrocinador de uma causa, de um partido etc.; campeão

Analisando pelo dicionário, um escalador que se autointitula Atleta em seu perfil nas redes sociais, aparentemente se enquadra perfeitamente nos requisitos acima descritos, mas, e na realidade nacional? O que um atleta de escalada tem em sua bagagem para se autointitular dessa forma? Luta pela sobrevivência? Atualmente não. Praticante de qualquer esporte, ok. Indivíduo robusto, de sólida competição, ok também. Patrocinador de uma causa, partido, campeão? A maioria deles, não, então, o que é ser um atleta? Viver da escalada? Viver para escalar? Sobreviver da escalada? Aparentemente três definições conjugadas, mas com uma distância enorme entre elas. Viver da escalada: o escalador que vive da escalada, este sim estaria mais bem definido como Atleta, alguém que retira todo seu sustento através de seus feitos com sua escalada, desde moradia, alimentação, viagens, lazer, vestuário e ainda consegue separar parte de seus ganhos investindo em sua aposentadoria (que concordemos que vida de atleta mesmo não dura eternamente), este tem como único objetivo durante seu período de contrato assinado, treinar para competições ou projetos na rocha, seja ele um boulder

ou uma conquista inédita, 200% do tempo voltado para atingir sua proposta, subsidiado por uma ou várias empresas, que lhe garantem verba suficiente. Em casos de atletas de competição, o objetivo é tão claro que até os estudos, troca de cidade ou até mesmo de país, ficam em segundo plano para poder treinar em centros especializados. Este atleta recebe verba seja de empresas privadas ou governamentais, todo o suporte das Federações, e clubes que lhe garantem acompanhamento físico, técnico e psicológico. Em contra partida o mesmo se encarrega em fornecer além de bons resultados um retorno de mídia favorável a seus patrocinadores. No Brasil, o status de atleta de escalada se aplica a poucas pessoas que podem ser contadas em uma mão. Viver para escalar: neste grupo se enquadra grande parte da população da escalada, principalmente os mais fanáticos, aqueles que trabalham normalmente, direcionam suas economias para viagens e equipamentos, sempre dão aquela escapadinha do chefe pra verem os vídeos de escalada, ou pesquisa de compras, estão no ginásio a semana toda e estão todos os finais de semana na rocha, ou competindo. Neste grupo também estão os mais afortunados que felizmente podem se dedicar somente a escalar e viajar. Se dedicam em desenvolver novos points, atingir seus objetivos gerais, mas com a grande diferença de não estarem vinculados ou representando marcas profissionalmente com contrato assinado, e que contribuem muito para a escalada em geral. Basicamente este grupo se caracteriza por quem sonha em um dia ter as condições do primeiro exemplo acima ou planejam bem suas economias e tempo em vários exemplos de "ano sabático", que é uma ótima opção. Sobreviver da escalada: podemos dizer que aqui se encontram escaladores que decidiram realmente viver



André em sua oficina de ressolas

da escalada através de trabalhos relacionados ao esporte, abdicando de uma profissão convencional, tiram seu sustento como guias de montanha, fabricantes de equipamentos, cursos, ressolas, ginásios, lojas, entre tantos outros trabalhos que desenvolvem, ou estarem próximos com o que realmente lhe satisfazem, por muitas vezes sua própria escalada fica comprometida por terem que atender clientes ou trabalhos, o compromisso de se sustentar totalmente da escalada está diretamente ligado a ser um bom profissional, um excelente produto ou serviço, sem direito a décimo terceiro, ou férias remuneradas, não trabalha não recebe, simples assim, mas sempre valendo a pena no fim das contas, literalmente. Em todos os casos nacionais, fica claro quanto terreno temos que percorrer para quem sabe um dia chegar a termos mais de um atleta profissional de verdade, como acontece normalmente entre todos os esportes lá fora, e com a escalada não é diferente. Pois quanto mais escaladores entre as três

categorias acima, mais o esporte se solidifica, o mercado gira e a escalada evolui constantemente. Mas o mais importante é deixar bem claro o quanto cada um, independentemente da categoria que se enquadra, pode contribuir para esta evolução, seja abrindo vias, boulders, competições, colocando no mercado nacional novos e competentes produtos e serviços, formação de qualidade nos cursos de diferentes níveis e formando novos talentos que possam colocar o Brasil no cenário mundial. E você, está em qual grupo? Eu, com certeza, estou atualmente no que "sobrevive da escalada", com muito orgulho, sim senhor. Boas escaladas a todos.

André "Belê" é escalador apoiado pela Conquista Montanhismo, 5.10 e 4Climb



Seja Imbatível

Sphike, eleita melhor bota para trekking pela revista go outside.



www.hi-tecstore.com.br



2ª SEMANA BRASILEIRA MONTANHISMO

1º a 3 de Maio de 2015
Urca, Rio de Janeiro

RIO NAS MONTANHAS

450 ANOS DE HISTÓRIA

28ª Abertura da Temporada de Montanhismo
Campeonato Brasileiro de Boulder
Cine Montanha na Praça

3º Congresso Brasileiro de Montanhismo e Escalada
Workshops e Oficinas de Segurança
Palestras e Montanhismo Social

Mais informações:
www.rionasmontanhas.com.br

Patrocínio: RIO TURISMO, deuter, ADREVA Esporte e Aventura, Riotur

Apoio: Equinox, Alpen Pass, CURTLO

Divulgação: Mountain VOICES

Apoio Institucional: CEMME, RIO 450

Realização: FEMERJ, FEDERAÇÃO DE ESPORTES DE MONTANHA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Silvério Nery deixa a presidência da CBME

Em 19 de novembro passado tive uma experiência terrível ao presenciar a morte na montanha do amigo Davi e escapar ileso por milagre. Essa experiência sublinhou minha entrada em nova fase da vida, meus filhos se casaram recentemente, em 2015 vou ser avô e devo enfrentar desafios inéditos no meu trabalho como engenheiro.

SILVÉRIO NERY | SP

Fiquei uma semana no hospital e mais alguns dias em casa refletindo sobre a vida, os amigos, a família, o trabalho, o montanhismo brasileiro e cheguei à conclusão de que não devo mais continuar à frente da CBME e da FEMESP. O motivo principal dessa decisão é a perda quase que total da motivação que foi fundamental para minha atuação ao longo de todos esses anos. Tenho certeza de que a falta dessa motivação será muito prejudicial para as instituições. Já percebi que tenho sido resistente a algumas iniciativas e tenho receio de impor bloqueios sem me dar conta disso.

Além disso, já se vão 10 anos à frente da CBME, 12 à frente da FEMESP e 14 anos de atuação nesse movimento. Certamente é hora de criar espaço para outras pessoas mais jovens e mais motivadas, nem que isso pareça um pouco difícil à primeira vista.

Assim comunico que estou me afastando da presidência da CBME e da FEMESP. Não haverá descontinuidade no trabalho de gestão das entidades, que nesse momento passam a ser geridas por seus vice-presidentes. Kika Bradford na CBME e Sergio Robles na FEMESP. Continuirei à disposição das diretorias para repassar todos os assuntos, registros e informações sobre as duas entidades. Também continuarei como consultor ou conselheiro pelo tempo que for necessário, visando uma troca de comando com o mínimo de sobressaltos. A seguir, para quem tiver curiosidade e paciência, segue um balanço resumido desses 14 anos de atuação na organização do montanhismo brasileiro. Peço que me desculpem eventuais falhas de memória nesse breve histórico. Abraços a todos

14 anos
Foi em 1999 que comecei a participar de listas de discussão na internet. O motivo foi um crescente interesse nas questões institucionais do montanhismo brasileiro. Sabendo que no exterior o montanhismo já existia organizado há décadas, cismava com nossa situação pouco estruturada. Havia sim os clubes no Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, cada estado com suas peculiaridades, mas era evidente a falta de entidades unificadoras que cuidassem de interesses comuns à comunidade dos montanhistas e escaladores, fossem eles sócios de clubes ou praticantes independentes.

Em 2000 foi fundada a Federação de Esportes de Montanha do Rio de Janeiro, a FEMERJ. Continuei acompanhando as discussões com grande interesse e logo em seguida, em 2001, passei a fazer parte de um grupo organizado que pretendia fundar uma Federação em São Paulo, o que acabou ocorrendo após um ano de reuniões para discussão do estatuto. Em abril de 2002, com a fundação da Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo – FEMESP, passei a exercer um cargo formal, o de presidente da nova entidade.

Foram anos de muitas discussões, entusiasmos e trabalho duro. Logo em 2002 organizamos um campeonato estadual em São Paulo com 6 etapas (3 de Dificuldade e 3 de Boulder), duas em cada ginásio, na época, Casa de Pedra, 90 Graus e Crux. Havia também toda a parte burocrática (registro em cartório, CNPJ, assembleias), as questões de acesso (logo iniciamos também o diálogo com a administração do Par-

que Nacional do Itatiaia, com proprietários de áreas particulares como Guaraiúva e outros locais) e muitas outras demandas, quase que diárias. Assim mesmo era muito recompensador, o trabalho dava resultados positivos (embora um tanto quanto invisíveis) e havia o reconhecimento pela comunidade que acompanhava essas peripécias.

Grandes amizades começaram nesse período e minha ligação com o Bernardo Collares foi decisiva para a fundação da CBME, em 2004. Nosso objetivo, na época, era ter uma entidade nacional para podermos conversar institucionalmente com órgãos federais como o ICMBio e o Ministério do Esporte. Ao mesmo tempo fortalecer o movimento pela institucionalização do montanhismo nacional. Se já era difícil “tocar” as Federações, (Bernardo era presidente da FEMERJ e eu da FEMESP), tínhamos muitas dúvidas quanto à nossa capacidade de trabalho para fazer andar também a CBME. Mas com entusiasmo e bom humor fomos em frente. Acumulamos novos cargos formais, virei também presidente da CBME e Bernardo ocupou a vice presidência.

Mais discussões, entusiasmos e trabalho duro. De início lutamos contra uma ameaça que levou mais ou menos um ano para se desfazer, a ABEA – Associação Brasileira de Esportes de Aventura, entidade fundada naquela época com o objetivo de dirigir todos os esportes ao ar livre, porém sem qualquer legitimidade.

Em outra frente, passamos a organizar campeonatos nacionais de escalada indoor, com etapas em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Nessa área tivemos, a meu ver, dois grandes marcos. Um deles foi o Open de Boulder do Parque da Juventude em 2004, que teve mídia espontânea até no jornal local da TV Globo (SPTV). Outro grande evento foi o campeonato brasileiro de 2005, cuja final teve imenso público na Casa de Pedra em São Paulo, com repercussão na mídia impressa e em alguns programas esportivos na TV aberta. Essas competições revelaram muitos jovens talentos, alguns dos quais continuam ativos e fortes no cenário da escalada, como Felipe Camargo, Cesar Grosso e Thais Makino. Também permitiram que atletas com mais tempo de atividade alcançassem sua consagração no cenário nacional, caso da Janine Cardoso e do André Berezoski. Também nessa fase foram fundadas as associações estaduais dedicadas exclusivamente à escalada de competição: a APEE em São Paulo, a AEEP no Paraná e a AFEC no Rio de Janeiro.

Como costumávamos dizer, “usando o boné da CBME”, passei a ter contato com o Ministério do Meio Ambiente, ICMBio e com o Ministério do Esporte. Graças aos contatos com este último, participei da Comissão de Esporte de Aventura, um comitê técnico que criou as definições oficiais de Esporte de Aventura e Esporte Radical, um marco importante para o reconhecimento do montanhismo como esporte (idem para o surfe, parapente e outras atividades ao ar livre não essencialmente competitivas). Também por essa via fui convidado a participar de duas audiências públicas sobre Projetos de Lei no Senado e na Câmara Federal que visavam regulamentar, de forma totalmente inadequada, os esportes “radicais”, como constava do texto dos projetos. Graças à nossa mobilização e também de outras entidades (parapente, paraquedismo, surfe, skate),

conseguimos derrubar esse projetos.

Em 2002 a FEMERJ já havia organizado em conjunto com o ICMBio um Seminário sobre diretrizes de mínimo impacto em Unidades de Conservação. Depois, em 2004, FEMESP e FEMERJ firmaram o primeiro Termo de Cooperação Técnica com o ICMBio, mais especificamente com o Parque Nacional do Itatiaia. Foi o início de uma parceria muito produtiva, que embora tenha demorado um pouco a deslanchar, teve e ainda vem apresentando excelentes resultados, dos quais podem ser citados os Encontros de Parques de Montanha e, bem recentemente, o Seminário de Abertura de Novas Vias no Parque Nacional do Itatiaia. A participação dos montanhistas na gestão de Unidades de Conservação está consolidada através da presença nos Conselhos Consultivos dessas Unidades. Federações e clubes de montanhismo filiados à CBME mantêm cadeiras nos conselhos dos parques nacionais e estaduais mais importantes para a prática do montanhismo, como por exemplo: Itatiaia, Serra dos Órgãos, Três Picos, Pedra do Baú, Jaraguá, etc., etc.

Outra frente que exigiu bastante trabalho e mobilização foi nossa resistência ante o processo de normatização das atividades de aventura, liderado pela ABETA, com apoio do Ministério do Turismo, SEBRAE e ABNT. Briga de gente grande, com disseram muitos, mas graças à força e coerência dos nossos argumentos e a nossa pressão constante, mesmo sem qualquer apoio oficial (o Ministério do Esporte foi completamente omissivo nessa questão), conseguimos manter o pé na porta e evitamos o mal maior, que seria o total controle dos esportes de aventura pelo mercado de turismo. Uma quimera, dirão alguns, mas que esteve próxima de virar realidade nos piores momentos dessa luta essencialmente política.

Um grande êxito e, por que não dizer, o apogeu de todos esses anos de trabalho foi a Semana Brasileira de Montanhismo. Ali conseguimos reunir praticamente todas as pessoas que tem interesse no montanhismo nacional e discutimos todos os temas fundamentais para nossa atividade. Foi um grande conagraamento e um marco que sempre será lembrado na nossa história. Fiquei muito orgulhoso de ter participado da SBM e sou muito grato às pessoas que ralaram muito para que tudo aquilo acontecesse (Delson, Kika, Jussara, Rosângela, Diniz e muitos outros). Na festa de abertura, no alto do Morro da Urca, com a presença do Carlos Minc, Pedro da Cunha e Menezes, Jim Donini e quase todos os meus amigos e conhecidos da comunidade da montanha, mal contive a emoção diante da imensa e plateia que prestigiou o evento, não só em presença, mas também com doações em dinheiro. A SBM foi um grande evento graças ao patrocínio coletivo da comunidade.

Entretanto, a partir de 2010 mais ou menos começaram a surgir vezes que pouco a pouco foram minando minha motivação. Inicialmente os problemas ocorridos em campeonatos de escalada, como a redução do número de participantes e o excesso de reclamações e acusações (quase sempre injustas e infundadas), que resultaram no fechamento das Associações de escalada de competição no Paraná, São Paulo e Rio de

Janeiro.

Depois veio a perda irreparável do Bernardo, para mim um choque pessoal muito grande e também uma grande perda na gestão da CBME, onde nossa pareceria de irmãos de sangue fazia com que o trabalho fluísse sempre em sintonia e com muito bom humor. Bernardo dispunha de bastante tempo para dedicar à CBME à FEMERJ, o que aliviava um pouco minha carga de trabalho e permitia que atuássemos em várias frentes simultaneamente. Vale destacar ainda que nós dois e principalmente ele, conhecemos muitos escaladores e muitos locais de escalada no Brasil, o que nos proporcionou uma visão mais ou menos abrangente do panorama da escalada no país inteiro. Bernardo viajava com muita frequência, ia a quase todos os encontros de escalada e sempre aproveitava essas oportunidades para escalar muito e para apresentar a CBME com nossa visão e ideias para quem se dispusesse a escutá-lo. Pode parecer pouco, mas esse trabalho foi de importância capital na divulgação e credibilidade que a CBME adquiriu ao longo desses 10 anos de sua fundação.

Outro fato que desencadeou uma crise mais intensa foi a decisão de deixar de pagar o IFSC. Embora a assembleia da CBME de 2012 tenha aprovado a decisão, fui eu que apresentei a proposta e os argumentos que acabaram convencendo os demais de que aquela era a melhor alternativa para o momento. Não me arrependi da decisão, mas por ser o autor da proposta acabei sofrendo pessoalmente com a crise que se desencadeou a partir de então e que resultou numa cisão e na fundação da ABEE, sem acordo nem vínculo com a CBME. Foram discussões pesadas e desgastantes ao extremo, demonstrações de desconfiança, muita incompreensão e posturas irreduzíveis assumidas por pessoas que estavam dos dois lados da contenda. Não é correto dizer que foi uma briga entre “esportivos” e “tradicionais”, foi muito mais uma “conversa de surdos”, pessoas com dificuldade para compreender as ideias e posicionamentos de quem estava “do outro lado”. Esse episódio me deixou muito triste e com uma sensação de impotência diante do resultado, a meu ver negativo e desgastante.

Ao final dessa longa história chego à conclusão de que o tempo passou e já não existe mais o mesmo espaço de antes para meu estilo de gestão à frente da CBME e da FEMESP. Um jeito um tanto idealista e informal, com relacionamentos fortemente baseados em amizade e confiança mútua. Esses valores continuam sendo muito importantes, mas não são mais suficientes. Me parece que nesse momento a gestão das instituições exige um pouco mais de pragmatismo e um cunho mais profissional para garantir sua sobrevivência e crescimento. Sem falsa modéstia, penso que o trabalho que ajudei a desenvolver ao longo desses anos - sempre contando com um grupo fantástico de montanhistas que batalhou e continua batalhando nas diretorias das Federações e Clubes por todo o país – foi um divisor de águas na história “oficial” do montanhismo no Brasil. Que esse ciclo virtuoso continue por muitos anos e que nossas instituições cresçam e se tornem sólidas e independentes financeiramente, sempre pautando sua atuação nos princípios e valores éticos que norteiam o montanhismo brasileiro.



ENTENDA O GRAU DA ESCALADA ARTIFICIAL

TEXTO E IMAGEM: ELISEU ERACHOUI

Sua última proteção está quase 30m abaixo, e sua corda que parecia bem grossa e adequada para escalada em grandes paredes, agora está mais para um fio de espaguete balançando no vazio. Um cliff agüenta seu peso apoiado numa pequena laca de pedra que para ser sincero, você nem acredita como agüenta seu corpo. Você sente aquele gosto amargo na boca e tenta dividir a decisão sobre como progredir com o companheiro, que está na base, 45m abaixo, tão apreensivo quanto você. A segurança da próxima parada está próxima, mas as colocações até ela, podem fazer a diferença entre o alívio ou uns ossos quebrados.

Antes de você se ver numa roubada por que achou que A via de A3 “deveria ser tranquila”, entenda como funciona a classificação das escaladas artificiais

São frequentes as dúvidas de escaladores com relação a graduação de vias em artificial. Comumente, muitos confundem os equipamentos usados, com a escala de grau. Escalada Livre – A escala de graduação em livre, conta apenas a dificuldade técnica, sem levar em conta a exposição ao perigo. A não ser que após o grau em livre, exista a complementação da classificação de Exposição, que é a letra E, seguida de números de 1 a 5: E1 (escalada segura, geralmente vias esportivas), E2... até E5 (enfia da inteira com proteção ruim ou inexistente), o grau de 1° até 11a da via dimensiona apenas o esforço físico que o escalador precisará dominar para passar o trecho. Portanto, uma via de 3° grau, pode ser muito mais perigosa que outra de 8°, se o escalador levar em conta apenas esta classificação e não souber se a via é bem, mal, muito ou pouco protegida. Outro fator a se levar em conta, é que mesmo na classificação E, leva-se em conta, que o escalador tenha a perícia necessária para instalar corretamente as proteções, pois caso contrário, uma via de E3, pode se transformar facilmente em E4. Todavia, esta classificação não é muito difundida, e muitos Manuais de Escalada preferem descrever em forma de texto o tipo de perigo que a escalada oferece: proteções fixas distantes, rocha podre, lacas expansivas... o que acaba sendo muito mais interessante.

Muitos escaladores já me perguntaram: “vou escalar a via do ‘Teto do Baú’? Aquela A0 é difícil?”

A via do “Teto do Baú” é um artificial de mais de 40 grampos consecutivos. Grampos não saem da rocha (pelo menos não deveriam sair), portanto, já que existe uma seqüência no uso de estribos, mas é um trecho seguro, esta via é classificada de A1. Se a mesma via fosse em proteção móvel, e as colocações fossem seguras, o grau permaneceria inalterado.

A5, o limite

A partir do A1+, o que conta para aumentar o grau, é o risco de queda, baseado na qualidade das proteções ou ausência delas. A partir do grau A2, os trechos sem boas proteções começam a aumentar significativamente. Em um trecho de A4, por exemplo, a enfiada pode ter de 35 a 45 metros com proteções que só agüentam o peso do corpo do guia (heads, cliffs, micro-nuts, peças em lacas..) e em caso de uma delas falhar, a queda potencial, pode ultrapassar os 80m. O grau máximo é o A5, quando a enfiada

mente no chão, ou qualquer outro infortúnio, antes de a corda retesar.

O que é um A0?

A0 é um lance isolado numa via escalada em livre que em algum momento, por falta de agarras, ou dificuldade de algum movimento, o guia faça uso de um ponto de apoio (grampo, nut, friend...), para “roubar” no trecho e depois voltar a escalar em livre. O grau A0 é dado apenas para lances pequenos, onde não há sequer a necessidade do uso de estribos. Mas se o escalador usa um grampo, nut, friend, tensão de corda, árvore... como ponto de apoio, tanto importa. É A0

E um lance de A1?

inteira tem proteções ruins, nenhuma proteção fixa, além de não permitir furos de cliff. Numa escala onde o que conta é o perigo, o A5 seria um trecho que se o guia cair ao final, faria um zíper arrancando todas as peças e certamente morreria devido a severidade da queda - um fator 2 com extensão acima dos 100m. Loucura? Não. Este é o jogo das grandes paredes, aceite as regras ou procure graus mais brandos.

Classificação C

A escala americana de artificial que é usada em todo o mundo (exceto na Austrália), ainda incorpora a classificação C (de Clean) para enfiadas em artificial onde não são usados pitons ou proteção fixa. Quando isso acontece, pode-se ao invés de usar a letra A, substituí-la pela letra C. Assim um trecho de A2 feito com estribos no qual o escalador usou apenas nuts ou cliffs ou friends e não martelou nada, pode ser classificado como C2. Outra situação que devemos levar em conta, é que muitas vezes um piton fica tão bem instalado que oferece uma boa proteção (mas danifica a rocha), e se neste caso, pode-se substituí-lo por uma micro-nut, que aguenta muito menos, podemos aumentar propositalmente o grau desta enfiada. Um exemplo clássico e citado como exemplo em vários textos sobre o assunto, é a primeira enfiada da via “Zodiac” no El Capitan. Se o trecho for escalado usando pitons, o grau é A2+, mas se você não bater pitons, terá conseguido passar um C3. Como já mencionei acima, esta classificação é baseada na experiência e perícia de escaladores que dominam as técnicas do artificial e colocam as proteções com maestria. É também uma classificação um tanto subjetiva, pois há dias que acordamos mais medrosos e outros mais corajosos. Mas não deixa de ser um parâmetro para que saibamos se teremos pela frente um trecho tranquilo, ou um no qual vamos fritar o cérebro na adrenalina.

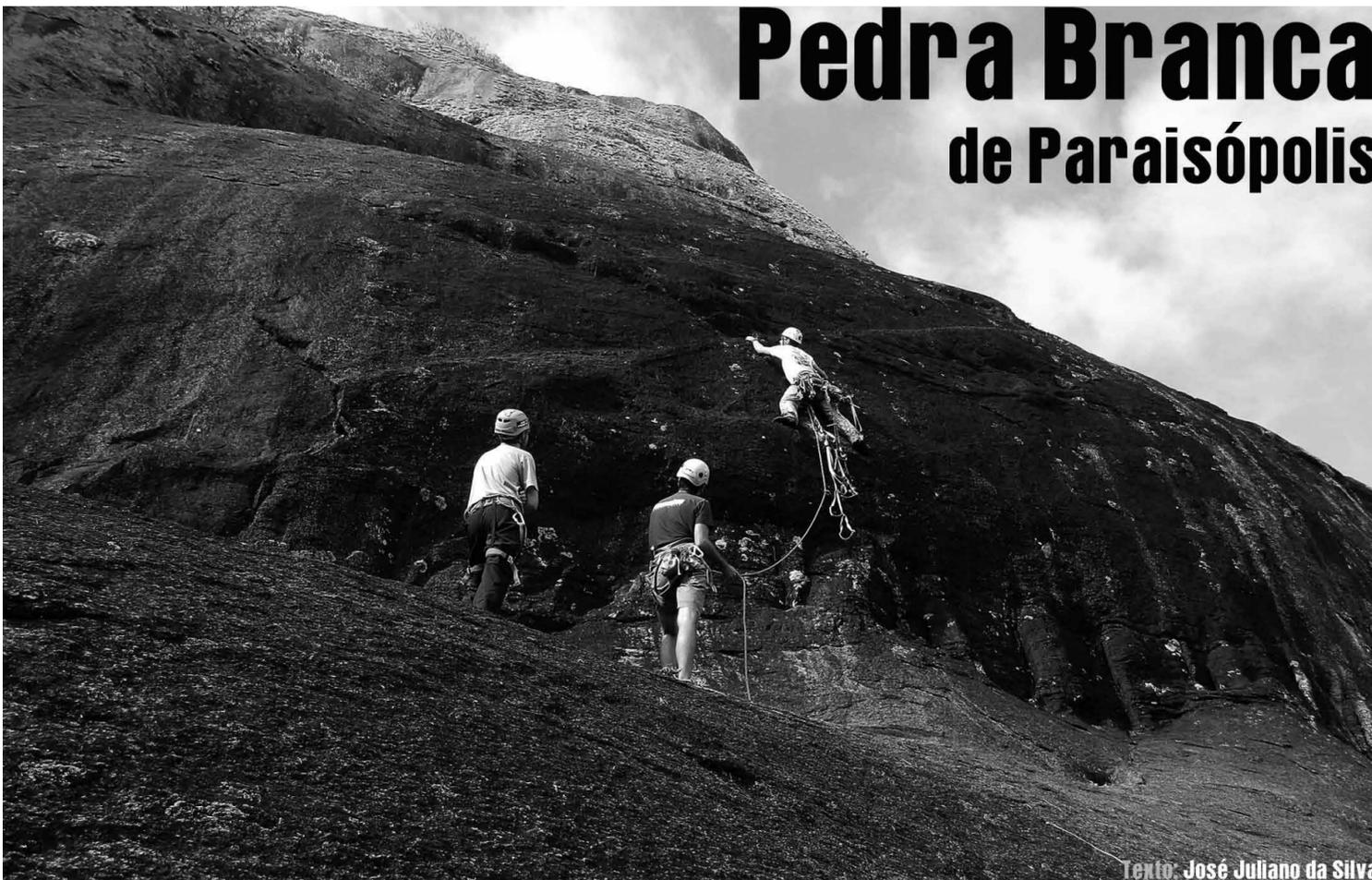
14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br

Penatrilha

Rua Apeninos 803 São Paulo SP
11 3562 1801

Pedra Branca de Paraisópolis



Texto: José Juliano da Silva

Com a ideia de conquistar vias na Pedra Branca no feriado do carnaval de 2014 eu, Eliza, André, Érica, Glauco e Herman partimos para falésia. Assim que chegamos fui pedir autorização para entrarmos na propriedade do Sr. Braz e ele gentilmente ele nos autorizou a entrar.

Subimos pelo pasto até chegar a base da pedra. Assim que chegamos procuramos uma sombra para nos abrigarm e organizarmos os equipamentos para darmos início aos trabalhos.

Decidimos começar por uma linha mais fácil e óbvia, pelo lado esquerdo da pedra, e logo avistamos a linha perfeita e então decidimos que seria a nossa primeira via. Enquanto eu e Glauco analisamos a linha a ser conquistada, Eliza e Herman caminhavam pela base da pedra. Herman perguntou para Eliza se ali existiam muitas cobras. Eliza disse que sim, mas que era muito raro vê-las. Então acontece o susto... Uma cobra coral surge repentinamente entre as folhas secas e rola nos pés de Herman, que além de se assustar ficou apavorado. Vendo o que havia acontecido eu e Glauco já tínhamos uma sugestão para o nome da via. Por volta das 12h00 iniciamos a conquista. Comecei subindo um rampão IV grau, conquistando em livre pela primeira vez. Coloquei as primeiras chapas, mesmo estando

muito tenso, com tantas agarras soltas e cheguei nos 30m. Fixei a P1 e decidi continuar e chegar nos 60m de corda, subi mais 3m fiz o furo e ao soprar deixei cair o soprador, necessário para limpar o furo do grampo. Desescalei para recuperara-lo e continuei a conquista fixando a P2. O sol estava muito quente e então decidi rapelar até a base. Um tempo depois Glauco e André assumiram a conquista e abriram a 3º enfiada. No segundo dia de conquista chegamos cedo, por volta das 08h00 da manhã e as 09h00 começamos escalar. Conseguimos chegar a P3 por volta das 10h00. Glauco assumiu a conquista em um trecho vertical usando um par de estribos e dois cliffs talons e venceu o lance em artificial. Continuei em livre em um rampão de aderência, fixei a P4 e descemos o platô.

Nisso chega Eliza e Bob. Fiz um lance de 3º e assumi a conquista escalando a 4º enfiada e continuando. Comecei indo para a esquerda por uma linha de fenda cega quando fui fazer o furo acabou a bateria. Marinheiro de primeira viagem conquistando sem levar corda retinida. Pensei: depois de ter dado um esticção de 10m, desescalar seria pior, então montei uma parada com dois cliffs de agarra e chamei o Bob que subiu até mim trazendo a bateria reserva. Finalmente fixei a P5. Já exausto e com o psicológico abalado comecei a ouvir zumbidos de abelhas. Olhei para o lado e avistei uma colmeia de abelhas africanas, logo pensei em rapelar, mas o Bob insistiu que continuássemos para culminarmos a via. Resolvi não desistir da conquista. Uma barriga com poucas agarras,

um lance de 6º sup em artificial e depois continuei em livre passando o maior veneno: agarras soltas e só aderência difícil. Por volta das 13h30 chegamos ao cume e decidimos pelos fatos ocorridos durante a conquista que o nome da via seria *Coral de Abelhas 4º VI E2 170m*. Na segunda via conquistada por nós na Pedra Branca, decidimos bivacar por la mesmo. No sábado arrumamos as tralhas e partimos logo em seguida com uma chuva torrencial; Bivacamos em uma toca gigante próxima a base. A noite não choveu. De manhã partimos para a conquista desta vez escolhemos uma linha mais fácil, bem ao meio da pedra começou a conquistar um lance vertical de V usando cliffs e estribos. Fui ganhando altura e fixei a P1 rapido pois estava molhado não deu para continuar.

Optamos começar outra linha, e o Glauco começou conquistando ao lado direito da *Coral de Abelhas* o que será um projeto para 2015. Segundo dia cedo, eu e Eliza escalamos até a P1, Eliza quis experimentar a conquistar e então eu passo os betas e ela vai pra cima. Coloca a primeira chapeleta, faz uma travessia coloca a segunda e desiste: muita adrenalina ao assumir a liderança. Continuei, ganhei altura rápido em livre um lance de IV sup com muitas agarras soltas e mais de 30m. Fixo a P2 e chegam o Glauco, André e Érico. Glauco e André assumem a conquista enquanto eu Eliza e Érica assistimos de baixo. Sol do meio dia, um calor insuportável, muita sujeira, plantas e terra caiam. Com determinação e sede do cume - e de água também pois não levamos - logo a dupla fixa a P3 e rapela em seguida por uma corda fixa. Se alimentam e já hidratados, retornam os trabalhos. Desta vez André assume a conquista coloca uma, duas, três chapeletas e dá um esticçãozinho. De repente, solta uma agarra de pé e quase cai. Muito adrenado, ele consegue colocar mais uma proteção. Glauco reassume a conquista e continuou com lances bem técnicos de Vsup até fixar a P4. Cansados

e exaustos desistimos do cume e descemos. No terceiro dia, eu, Eliza, André e Érico decidimos terminar a nova rota e as 10h00 entramos na via. Escalamos até a P4, e eu assumi a conquista, André ficou na segurança e comecei a subir um lance de III até chegar em um canaleta cega, bem vertical no maior veneno, lno que é um lance de 6ºsup. Passei maior veneno, as 15:00 horas terminei a via. Satisfação, sonho realizado. A Pedra Branca é um morro de granito localizado no município de Paraisópolis, MG. A primeira via de escalada intitulado *Normal* foi conquistada em 1984 por Walter Baere, Doni Lima e Mario C.Pado Van depois de 13 anos em 1997 recebeu uma nova e ousada conquista a via *Quebra cabeça* de Adrim Lima, Ricardo Micaeli, Carlos Augusto, Lorenzo e João Bosco Vilela desde então a Pedra Branca permanecia quieta, adormecida esperando por novas repetições ansiando por novas conquistas. As vias conquistadas em 2014 em geral são fáceis e com proteções regulares, a grande maioria em E2 e poucas exceções de E3 paradas a cada 30m facilitando abandono com corda de 60m.

Mais que uma loja de equipamentos outdoor



NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



e-commerce: www.bivak.com.br
11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metró Praça da Árvore, São Paulo



deuter

Que tal fazer o Test Drive de uma Deuter? Cadastre-se!

Faça sua inscrição pelo link ao lado. Se preferir, use a câmera do seu smartphone para ler o código QR Code.

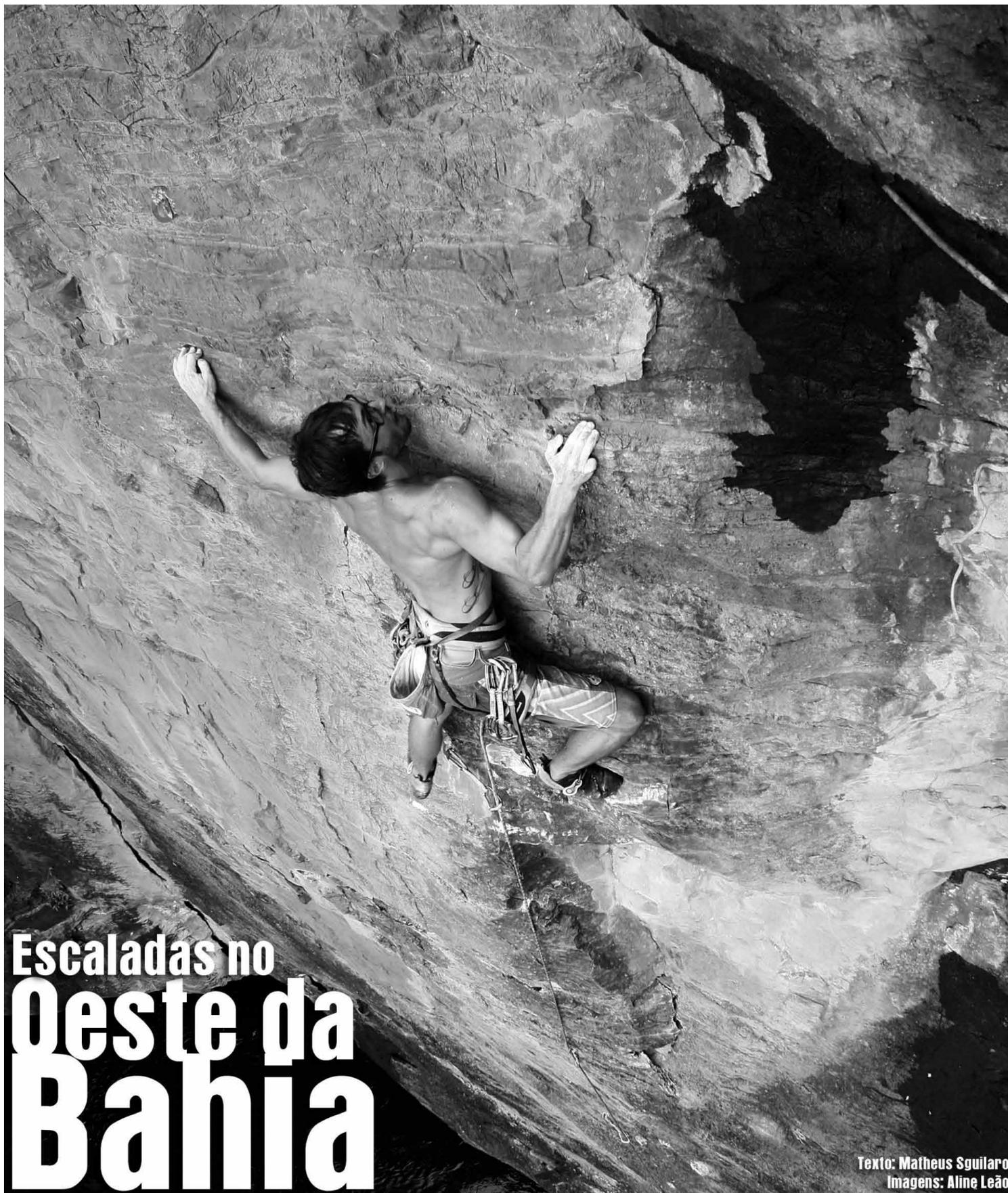
Boa Sorte!

bit.ly/DeuterTestDriveMV



sac@deuter.com.br
www.deuter.com.br

www.mountaineers.com.br



Escaladas no Oeste da Bahia

Texto: Matheus Sguilaro
Imagens: Aline Leão

Localizada no extremo Oeste do Estado da Bahia, situa-se no caminho entre a Chapada Diamantina - BA e a Chapada dos Veadeiros - GO. Contornada por chapadões a cidade cresceu as margens do Rio Grande, onde comerciantes subiam pelo Rio São Francisco nos barcos a vapor, trazendo mercadorias do litoral para o interior do país. Hoje em dia é polo do agronegócio e bate recordes na produção de grãos, algodão e conseqüentemente no desmatamento. Belezas naturais como cachoeiras, campos de veredas e riachos compõe o cenário do Cerrado baiano. Embora tenha aproximadamente 160 mil habitantes a cidade tem clima de interior e os moradores adoraram tomar a gelada no cais do Rio Grande, uma ótima opção é o Bar do Vieira (Vieirinha) onde a boemia baiana e a MPB toma conta da noite.

A escalada em Barreiras

A escalada acontece bem próxima à área urbana, no topo da Serra da Bandeira, (+- 20 minutos do abrigo) a trilha começa a partir do estacionamento da Universidade Estadual da Bahia onde é possível deixar o carro e seguir por aproximadamente 30 minutos de tracking moderado até os primeiros blocos. A rocha dos setores da serra são de arenitos variados com estratos abrasivos e buracos perfeitos para mono dedos, bi dedos e pinçadas técnicas, estratos silicificados menos abrasivos lembram muito o quartzito. O setor é mais bem aproveitado durante o fim de tarde e a noite, pois o calor de 30° faz até coco ferver no pé, os períodos de chuva vão de setembro a fevereiro.

São Desidério

A 27 km de Barreiras pela BA 463 fica a cidade de São Desidério, também é polo agroindustrial da região e reconhecido pelo grande potencial espeleológico. Pelos vales do Gerais se desenvolve um complexo sistema Cárstico e hidrogeológico onde afloram rios, lagoas e sumidouros que tem ligação direta com grandes reservatórios de água subterrânea. Esse sistema de dolinas e cavernas ornamentadas com espeleotemas únicos foi área de campo do 32º Congresso Brasileiro de Espeleologia realizado em 2013 pela Sociedade Brasileira de Espeleologia e o MorCEG Morcegos do Cerrado Espeleogruppo. Ao longo do tempo a região foi sendo moldada pela erosão, escavando cânions e paredões com altura e inclinação ideais para prática de várias modalidades de escalada. A flutuação do nível dos rios e o característico fraturamento dos calcários fez com que a água esculpisse incríveis formas nas rochas dando possibilidade para que diversos tipos de agarras se moldassem. Nos cânions de S.D. a grande potencial para escalada em fendas e possibilidade de vias com algumas cordadas a espera dos amantes da escalada tradicional. Embora o potencial para psicobloc e vias tradicionais seja grande ainda não foram abertos setores em São Desidério. A escalada no Município Sítio do Rio Grande Situada a 17 km de São Desidério pela BA 463 (pavimentada) fica o município Sítio do Rio Grande, onde as primeiras vias da região foram abertas. Escaladores do Rio de Janeiro e da cidade de Bom Jesus da Lapa que é pioneira na escalada esportiva do oeste baiano, iniciaram os projetos e as primeiras

conquistas, recebendo posteriormente a ajuda de escaladores do Sul da Bahia, Minas Gerais e São Paulo que logo descobriram novos setores e apostaram nas possibilidades do pico. As paredes onde estão as vias até hoje receberam poucos escaladores de fora, vão do 3° ao 8°, alguns projetos de 9° e futurísticas chorrreiras que seguem da base ao topo em paredões e tetos com 40° de inclinação e até 70 metros, podendo certamente bater a graduação de dois dígitos. (confira o croqui e a tabela de vias no moradadostapuiasescalada.blogspot.com.br)

Os setores

O Setor Paredão do Deus me livre fica próximo a BA 463 é o primeiro setor de escalada da região e um dos mais frequentados por ter vias com vários níveis e um revigorante banho de rio. Com aproximadamente 20 vias esportivas, vários boulders e projetos de psicobloc, é o setor campo escola dos escaladores locais que frequentam e fazem a manutenção das vias. Sugestão para o caderinho de quem vier nos visitar é a clássica via Lágrimas de Leão um lindo 7b que sai da base do Rio Grande e chega ao topo do paredão com a opção da seg. feita de um kaiake. Outros setores como Seção da Tarde, Urtigas, Colmeia, Formigueiro, O Mundo de Sofia e Setor da Coruja fecham aproximadamente 35 vias e 30 linhas de boulder, estes dois últimos com vias mais altas de até 30 metros estão em constante evolução e devem contar com mais algumas vias saindo do forno. Sítio do Sr Edson e Gruta das Pedras Brilhantes É também um dos campings e fica cerca de 4 km do centro do município. O simpático proprietário Sr. Edson faz questão de guiar os visitantes pelo sítio arqueológico da propriedade contando histórias dos índios Tapuias que habitavam as cavernas da região. O camping é pouco estruturado e cobra R\$ 10 por pessoa, o banheiro é o selvagem buraco no mato e o banho na beira do rio, nada que a paisagem e a energia do lugar não te façam superar. Souza é o filho de Sr. Edson e cuida da criação de peixes, ele os vende limpos, temperados e prontos pra assar na fogueira, mas fique atento ele não retira os peixes aos sábados. A escalada na propriedade é feita em alguns blocos de boulder e vias que ficam fora do setor arqueológico, subindo o rio pela propriedade é possível chegar ao setor de psicobloc onde agarras de chert embora muito abrasivas parecem ter sido dispostas e parafusadas como um teto indoor. Sr. Edson

Recomendações

A escalada é um esporte de risco, exige prática e domínio de técnicas específicas, escale seguro e não deixe de fazer os procedimentos corretos, conferindo sempre a sua segurança e a de seu parceiro antes de cada escalada. Não altere a fauna e flora das bases, respeite os costumes e os moradores locais. Alguns setores não tem porteira, portanto tome cuidado ao passar pelas cercas e não danifique-as. As vias foram todas protegidas em chapas e parada dupla em argolas, recomendamos o uso de capacete, pois nos novos setores pedras podem se soltar. Não modifique proteções ou inicie projetos, a ajuda nas conquistas é sempre bem vinda, mas consulte os escaladores locais. Existem agências de turismo em São Desidério que levam turistas para grutas específicas onde é possível fazer os passeios com segurança e guia especializado, não se aventure pois grande parte das cavernas esta cheia de aranhas marrom.*

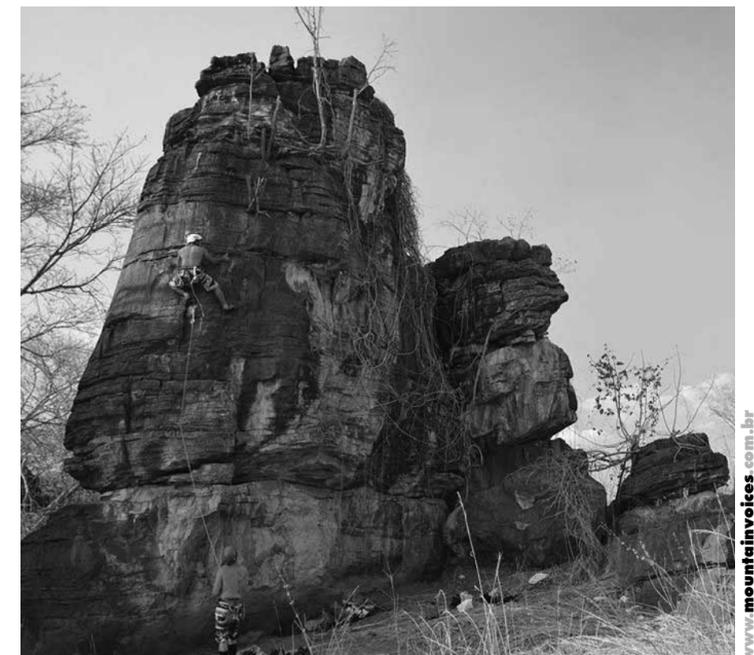
Passeio nas Grutas

Rupestre Tur. – Procure por Jussy (77) 98026386 e (77) 36232046
Bioma – Procure por Juscelino - www.biomaecotur.com.br
Como chegar
Aéreo: A empresa Azul tem voos diretos partindo de São Paulo, Brasília e Salvador.

Terrestre: A empresa Real Expresso, Novo Horizonte, Gontijo tem linhas para a região partindo de diversas cidades do Brasil.
Carro: De São Paulo siga pela SP 348 Rodovia dos Bandeirantes até a BR050 e chegue ao estado de Goiás, procure placas para a cidade Cristalina e evite entrar em Brasília, depois siga em direção à cidade de Luis Eduardo Magalhães, em seguida Barreiras.
De Brasília siga pela BR 450 e acesse a BR 020 em direção a Luis Eduardo Magalhães depois Barreiras.
De Salvador siga pela BR 324 acesse a BR 242 e siga até o destino.
Do Norte de Minas Gerais siga pela BR 251 de Montes Claros até a BR 122 em Janauba siga até Jaiba MG 401 em direção a BR 135 até Jaborandi depois siga para Correntina depois São Desidério e Barreiras.

Onde ficar

-O Abrigo Morada dos Tapuias fica na cidade de Barreiras, é nossa casa e base dos escaladores da região, conta com área para camping que recebe até 8 barracas, temos 1 quarto, banheiro coletivo, cozinha, murinho indoor e internet wifi, diárias a partir de R\$ 10 por pessoa.
- Hotel Sertânia (77) 36113592
- Pousada Rancho Verde (77) 36114371
<http://www.pousadaranchoverde.com.br/>



Corrosão em aços inoxidáveis a beira mar

Nos anos 80, quando comecei a escalar, quase que a totalidade das vias de escaladas no Brasil eram protegidas pelo grampo P. Em alguns poucos lugares já existiam algumas chapeletas, importadas ou de fabricação caseira. No ano de 93 ingressei no curso de Engenharia Mecânica e a Bonier já dava seus primeiros passos como empresa fabricante de produtos de segurança e resgate. No mesmo ano iniciamos a produção das macas Mamute.

IRIVAN BURDA | PR

Ao final do curso no ano de 98 trabalhamos no desenvolvimento da chapeleta dupla que possibilita a passagem da corda para rapelar podendo assim substituir o grampo P. No desenvolvimento optamos fabricar a peça em aço AISI 304L, aço inoxidável austenítico. Duas razões apontavam para esta escolha, a resistência (mecânica e a corrosão) do material e a capacidade de deformação para conseguir fazer as dobras e repuxos necessários.

Com o início da produção em 99, iniciamos alguns trabalhos de recuperação de vias substituindo os antigos, outros não tão antigos, grampos P. Hoje 15 anos depois temos chapeletas instaladas em diversas partes do Brasil e do exterior. Com orgulho podemos dizer que existem chapeletas Bonier no El Capitan (Yosemite), Trango Tower (Paquistão) e Fitz Roy (Argentina) e com certeza em muitos outros locais de escalada.



Chapeleta dupla

Há alguns anos começaram ocorrer algumas fraturas em chapeletas de aço inoxidável. Foram reportados alguns casos na Tailândia e Grécia. Todas falhas catastróficas (ruptura da chapa ou chumbador) com a aplicação de uma carga infima, algumas só o peso do escalador e até com a própria mão.

Com base nestes casos foram realizados alguns estudos para identificar as causas destas falhas. E o que encontraram foi um tipo de corrosão particular (SSC – Stress Corrosion Crack, fratura por corrosão sob tensão) que ataca principalmente aços inoxidáveis austeníticos devido às tensões resultantes do processo de fabricação. Nosso objetivo com este trabalho é

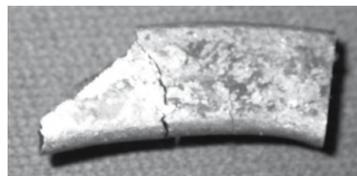
iniciar uma pesquisa em torno do assunto aqui no Brasil e assim poder avaliar melhor a realidade nacional. Com base em um estudo de caso da Tailândia fizemos uma análise de amostras que estavam expostas as condições beira mar no Brasil, no Rio de Janeiro. Algumas amostras de chapeletas Bonier, Petzl, Simond foram retiradas da rocha e analisadas para aferirmos a condição atual do aço. Com estes resultados podemos comparar os tipos de processos de corrosão com o padrão encontrado na Tailândia.

Caso Tailândia

O caso estudado na Tailândia foi de uma chapeleta Petzl que foi instalada em 1994 e foi fraturada em 2004, após apenas 10 anos de exposição ao ambiente.

A chapeleta ficava instalada em um setor negativo da Praia Railay, Tailândia e foi possível retirar um pedaço da chapeleta com a mão ao provar se estava sólida. As micrografias (fotos da macroestrutura do aço) mais parecem fotos do Grande Cânion do que um aço. A corrosão abriu vales estreitos e profundos na superfície do material e comprometendo a integridade da peça.

Para poder compreender todo mecanismo deste tipo de corrosão foram feitas análises da água da chuva e da água que nasce nas rochas, análises dos componentes da rocha e seus produtos de corrosão.



Micrografia 500 um

A rocha é um calcário que é rico em cálcio, magnésio e zinco. As águas tem PH ácido que corrói a rocha e levam este resíduo para o mar. Ai estes elementos na superfície da água formam cloretos corrosivos e voláteis que evaporam com facilidade. Ao evaporar o cloreto atinge a chapeleta na forma de vapor e condensa por condições de temperatura e pressão formando um composto corrosivo na superfície do aço da chapeleta. Com isso a chapeleta fraturou apenas após estar somente 10 anos exposta.

Descobriu-se que o cloreto de magnésio e o cloreto de zinco eram os principais responsáveis pela corrosão do aço inoxidável. Os aços inoxidáveis austeníticos tem em sua composição entre 8 e 10% em peso de níquel. O níquel é o responsável por manter a estrutura austenítica a temperatura ambiente no aço. Justamente estes teores de níquel são os mais susceptíveis a sofrerem corrosão do tipo SSC. (veja na tabela I) Podemos simplificar que a corrosão lá ocorre devido a água ácida, a rocha calcária (que fornece o cálcio, magnésio e zinco), o mar e a estrutura física das paredes (negativos) que propiciam a condensação dos cloretos na chapeleta e evitam que a água da chuva lave estes compostos da superfície do material. Pode ser aferido que somente o Cloreto de Sódio (sal) não é suficiente para causar a fratura do aço.

Amostras

Estamos discutindo este assunto com diversos escaladores. O Julio Mello, Delson Queiroz e Hillo Santana se dispuseram a ajudar na retiradas das amostras.

Foram retiradas 3 chapeletas Bonier da via Às de Espadas no Pão de Açúcar (face sul) e 3 chapeletas Simond (face sul) e 1 chapeleta Petzl (face

norte) da Pedra do Urubu. As chapeletas Bonier tinham sido instaladas pelo próprio Julio no ano de 2007, estando assim quase 7 anos expostas as condições do ambiente. As chapeletas Simond estavam a pelo menos 15 anos e a Petzl há mais de 25 anos e em condições mais agressivas que as que estavam no Pão de Açúcar, já que a Pedra do Urubu está praticamente dentro d' água.



Análises realizadas

Para podermos avaliar como estavam estas chapeletas realizamos alguns ensaios. Contamos com a ajuda do laboratório Spectroscan e o conhecimento do Professor Msc César Lúcio e a Dra Eng Ângela.

Foi feito uma identificação e caracterização do material que foram fabricadas as chapeletas através de espectrometria de emissão ótica. O material da chapeleta Bonier já é conhecido mas fizemos o teste assim mesmo para garantir que é realmente o aço especificado.

Importância da umidade na saturação de filmes Clorados (Tabela I)

Sal	Saturação da concentração, %umidade como Cl	Umidade relativa requerida para saturar as soluções
NaCl Sem fratura	16	75
MgCl2 Fraturou	27	33
CaCl2 Fraturou	29	31
ZnCl2 Fraturou	42	10

Composição especificada para o aço ASTM A 240 Tp 304 (% em peso). (Tabela II)

C	Mn	Si	Cr	Ni	P	S	Referência Tipo 304L
0,070máx	2,00máx	0,75máx	17,5-19,5	8,0 – 10,5	0,045máx	0,030máx	
0,052	0,99	0,661	18,5	8,65	<0,036	0,022	Petzl
0,038	0,86	0,589	19,02	8,66	<0,033	0,022	Simond
0,052	1,01	0,479	18,53	8,08	<0,034	0,021	Bonier

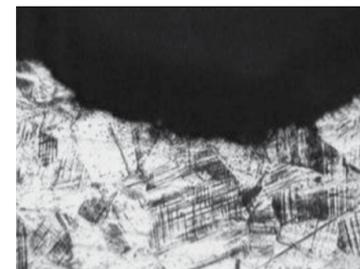
Para nossa surpresa todas as chapeletas (Bonier, Petzl e Simond) são fabricadas com o mesmo aço, AISI 304L.

Resultados da Espectrometria de Emissão Ótica: (veja na tabela II) Foi escolhida uma amostra de cada tipo, a que apresentava o estado mais avançado de corrosão, para ser feito um corte na chapeleta e fazer a análise metalográfica para verificar a macro estrutura do material. Na mesma seção transversal foi realizada medição de dureza em diversos pontos, próxima a superfície externa e no meio da chapa. Verificou-se que a chapeleta Simond tem uma dureza superior as outras amostras. Isso se explica com a origem da matéria prima. A chapeleta Bonier e Petzl são fabricadas em aço inoxidável laminado a quente. A chapeleta Simond foi fabricada com uma chapa laminada a frio.

A micrografia não apresenta nenhuma evidência de corrosão por SSC. Podemos ver um pouco de corrosão alveolar na superfície externa do material. Este tipo de corrosão vai afetar a resistência da peça somente após muitos anos e com evidências visíveis de corrosão. Ao contrário a corrosão por SSC não é visível aos nossos olhos o que torna o problema mais perigoso.



Chapeletas Petzl, detalhe da superfície corroída 400x



Chapeletas Petzli, detalhe da superfície corroída 800x

As três amostras apresentavam o aço em sua condição de fornecimento, da chapa de origem das chapeletas, sem alterações.

Para termos mais certeza que o aço não estava alterado foram selecionadas mais uma amostra da chapeleta Bonier e uma da Simond para um teste de tração destrutivo.

Ambas as chapeletas apresentaram resistência superior a indicada na peça, garantindo assim que a integridade do material é homogênea.



Chapeleta Bonier ensaiada, ruptura 30,87kN,



Chapeleta Simond ensaiada, ruptura 31,78kN.

Resultados Preliminares

Este estudo de caso ainda é muito pouco para determinar uma situação em todo litoral brasileiro. Mas é um começo para desmistificarmos o assunto e

conscientizar a comunidade de escaladores da realidade dos fatos. A mais evidente conclusão é que o meio onde a chapeleta está instalada é o maior determinante para sua durabilidade.

A situação na Tailândia bem como na Grécia é totalmente diversa da nossa. Outra rocha, outro oceano, outra água local e uma morfologia rochosa muito peculiar. Os elementos presentes no calcário foram determinantes na formação dos cloretos que atacam o aço inoxidável.

As chapeletas do Rio nos dão uma primeira evidência que este processo não ocorre pelo menos nos pontos onde estavam instaladas.

As amostras analisadas apresentavam plenas condições de servir ao propósito de assegurar escaladas. Suas resistências permaneciam inalteradas.

Sabemos também que a chuva ajuda no processo de conservação do aço inoxidável através da lavagem da peça e diluindo estes produtos corrosivos de sua superfície. Se a chapeleta estiver instalada em um ponto exposto a chuva melhor, evitar tetos, negativos ou mesmo buracos na superfície da rocha que previnam desta lavagem. Isto para chapeletas instaladas a beira mar.

Por fim ainda não temos notícia de nenhuma falha catastrófica de uma

chapeleta por corrosão SSC no Brasil. Temos algumas chapeletas duplas instaladas no ano 2000 em Torres – RS, na parede de frente para o mar. A rocha lá é um basalto e será nosso próximo passo do estudo. Outra rocha e outro ambiente. As amostras serão retiradas após 15 anos da instalação, garantido assim um tempo razoável de exposição.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a colaboração do laboratório Spectroscan nas pessoas do Professor Msc César Lúcio e Dra Eng. Ângela, que fizeram as análises aqui descritas.

Agradeço ao amigo Julio Mello, Delson Queiroz e Hillo Santana pela disponibilidade em retirar as amostras e pela colaboração disponibilizando o seu material de pesquisa. Agradeço também a Bonier Equipamentos por possibilitar a realização deste estudo.

Referência Bibliográfica

- Relatório de Inspeção N° 13179/2014 – SPECTROSCAN TECNOLOGIA DE MATERIAIS LTDA.
- SCC of Fixed Climbing Protection in Thailand – Angele Sjong
- Estudo sobre a corrosão dos aços DIN 1.4404 e DIN 1.4410 em soluções de cloretos – Sílvia Alexandra Ramos Costa – Lisboa 2010.

Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

#hostel
Picus.com.br

Abrigo de Montanha
(35) 9119.9153
Itamonte - MG

RESSOLE SUA SAPATILHA NA

*SOS sapatilha

- ↳ 15 anos de experiência no mercado
- ↳ Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- ↳ O menor prazo de entrega do mercado
- ↳ Ressolamos com XS Grip Vibram
- ↳ Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações
www.bele.com.br ou
ligue para 11 82446672

O Pantanal Sul

"No gesto imóvel desta onça, uma sombra de traição."

Manoel de Barros, o poeta do Pantanal

Este é meu segundo artigo sobre o Centro-Oeste brasileiro, sobre o qual pouco tenho escrito. Não é um artigo parecido com os anteriores, sobre montanhas ou travessias. É sobre uma natureza dotada de esplêndidas paisagens e de uma cultura própria. É sobre o Pantanal, um delicado e cíclico paraíso natural de silêncio e beleza.

Este texto aborda o Pantanal Sul. No início, resumo os mais importantes tópicos do artigo anterior: sua localização, seu clima, a flora e a fauna, o ciclo das águas.

ALBERTO ORTENBLAD | SP

Uma Savana Árida e Alagada

O Pantanal é uma savana baixa, árida e alagável. Situado no oeste brasileiro, abarca também o norte paraguaio e o leste boliviano. Pertence à bacia do Rio Paraguai, é rico em depressões rasas, circundadas no lado brasileiro por serras mais altas. A oeste, prolonga-se até os contrafortes dos Andes e, a sul, pelos pampas paraguaios. O Pantanal é um país aquático, com talvez 220 km², dos quais 60% no Brasil. É circundado por serras, das quais as principais são a de Maracaju a leste, a de Bodoquena a sul e a Chapada dos Guimarães a norte. Este contorno se fecha ao norte pela estranha Serra do Amolar - todas elas, exceto a primeira, formadas no distante Pré-Cambriano.

O clima do Pantanal é quente e úmido, devido à evaporação da água do solo. É ele que desenha suas duas estações: durante a seca (maio a setembro), a superfície enxuga e expande e, nas águas (outubro a abril), floresce e inunda. Esta alternância torna a paisagem móvel, com mudança dos rios e lagoas e formação de ilhas e cordilheiras nos altos.

É coberto por uma variada vegetação, pois existe no Pantanal o encontro entre a floresta amazônica, o chaco boliviano, o cerrado e a mata atlântica, além da caatinga. Seus terrenos são pobres, porém fertilizados pelas inundações anuais, que carreiam o húmus do planalto, depositando-o nas margens úmidas. Não fosse por elas, o Pantanal seria uma região árida.

Vive em raro equilíbrio no Pantanal a mais variada fauna do nosso continente, sejam aves, peixes ou mamíferos. E, de forma impressionante, podem ser avistados juntos na seca, quando saem dos matos para as várzeas abertas, à busca de água. Apesar de não ser endêmica, a fauna é naturalmente a maior atração do Pantanal. É composta por espécies de ampla distribuição, com grandes populações de alimentação generalista.

O Ciclo das Águas

Esse grande mar interior já foi comparado ao oceano, quando os primeiros espanhóis o conheceram na cheia e o chamaram de Mar de Xaraés. Porém as evidências geológicas apontam o soerguimento dos Andes como a força que deformou e afundou a placa sobre a qual repousa o Pantanal,

debruçando-a nos sentidos oeste e sul. Esta planície sedimentar foi então escavada pelo Rio Paraguai. Mas é enganoso este nome, pois existem poucos pântanos na região. Ela é alagada, não pantanosa. Sua inundação não decorre também de chuvas torrenciais. Ela acontece devido às baixíssimas declividades: apenas 10 a 15 metros entre as extremidades desta enorme área e talvez 30 metros entre seus dois lados. Assim, diz-se que a água leva nada menos do que quatro meses para atravessá-la. No início da estação chuvosa em novembro, as águas se concentram na borda leste do Pantanal, pois é de lá que fluem os rios. À medida que o verão prossegue, a área alagada engrossa, cobrindo a metade direita da região. Mas, quando as chuvas se tornam escassas em março, a borda leste começa a secar e a inundação passa a ocupar o centro e o oeste. Na seca a partir de maio, a região úmida continua se estreitando e caminhando a oeste e no fim em setembro fica restrita à fina faixa sul.

As Portas de Acesso

A principal capital para você chegar ao Pantanal Sul é Campo Grande. Em seguida, você alcançará Aquidauana, Miranda e Corumbá, numa rota de 450 km, sempre por bom asfalto, contornando as bordas do Pantanal, como que espreitando o seu interior.

Vou agora falar da grande estrada interna que percorre o lado sul do Pantanal, sendo a única com alguma segurança, pois foi criada originalmente como uma rodovia. Com 120 km em largo leito de piçarra, é uma variante da estrada que vai a Corumbá. Pode ser percorrida normalmente durante a seca, de abril a setembro. Começa no Morro do Azeite, cruza por ponte o Rio Miranda e por balsa o Paraguai. Termina em Ladário, já ao lado de Corumbá e da Bolívia, após passar pela Serra do Urucum.

Ela encontra no seu percurso inúmeras vazantes, passando por cerca de uma centena de pontes de madeira. Procure fazê-la no início da manhã ou no meio da tarde, para facilitar o avistamento de animais. Reserve pelo menos quatro horas para percorrê-la – sua recompensa serão os gaviões, seriemas e garças, além de queixadas, capivaras e quatis sobrevoan-

do ou atravessando a estrada. A vegetação é muito interessante, desde os aguçados das vazantes, os cactos e gravatás dos trechos arenosos, os ipês e jacarandás floridos em amarelo, rosa e branco.

As Cidades do Sul

A mais interessante das vilas pantaneiras é Corumbá, fundada no século XVIII para a defesa do território brasileiro. Nesta época, as incursões espanholas penetravam com facilidade pelas águas do Rio Paraguai. Sua localização tornou-a a seguir um empório comercial, com navegação pela bacia do Prata. Devastada pelos paraguaios, foi reconstruída e progrediu com a exportação do charque ao fim do século XIX. Com a chegada da ferrovia (que levou três décadas para ser terminada), o fluxo de transporte deslocou-se do porto, que entrou em decadência. Isto foi intensificado com a abertura da malha rodoviária entre Cuiabá, Campo Grande e Corumbá (1960-90).

Já Campo Grande não participou da antiga história da região, surgindo apenas ao final do século retrasado, quando suas terras foram ocupadas por fazendeiros do Triângulo Mineiro. O progresso da pecuária transformou-a num centro comercial bovino, ainda mais quando foi favorecida pela instalação de estadas de ferro e de rodagem. Em 1977, tornou-se a capital do novo Estado do Mato Grosso do Sul (um nome a meu ver infeliz), continuando a crescer a partir da cultura de grãos nos chapadões, todos eles próximos às terras baixas do Pantanal.

As Fazendas do Pantanal

Chamava-se Jacobina a mais importante fazenda pantaneira, mais populosa do que a vila de Cáceres, perto de onde ficava. Ela sobreviveu por um século e foi então a matriz de todas as demais. Dizia-se ter 60 mil cabeças de gado e sua produção de açúcar, farinha, café e charque era exportada para longe. Foi de lá que saiu o fundador da Fazenda Firme, local de onde foi colonizada grande parte do Pantanal Sul (ver a seguir).

O Pantanal é uma grande fazenda, existem lá mais de três milhões de cabeças, porém sob baixa produtividade. As regiões de Nhecolândia, Paiaguás e Poconé concentram 2/3 de todo o gado pantanei-

ro. As fazendas que conheci precisavam de 2-3 hectares por cabeça e a fertilidade era pouco melhor do que ½ cria anual por vaca. Este desempenho é em muito inferior ao do Centro Oeste, apesar de o zebu ter há muito substituído o gado bagual ou tucuna original.

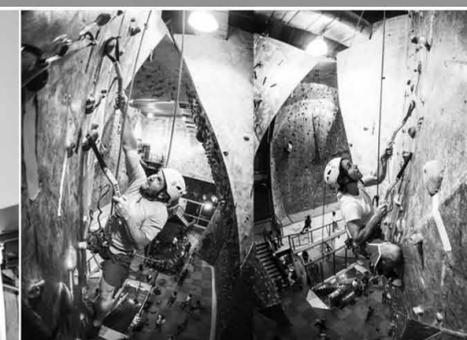
Porém, este é o ritmo que a natureza comporta, com seus capins nativos, sua vegetação áspera e seu regime de inundações. Para serem viáveis, as fazendas têm de ser muito grandes, há propriedades em que um único pasto corresponde a uma fazenda inteira no Sudeste. A fragmentação sucessória parece estar ameaçando o tamanho econômico mínimo necessário para este ambiente tão especial.

Talvez a situação mais dramática numa fazenda pantaneira ocorra quando o gado deve cruzar um rio caudaloso, como o Negro ou o São Lourenço. Exige dos peões prática, paciência e coragem. Os canoieiros procuram dar um rumo à travessia, batendo com os remos nas águas ou nos chifres, às vezes tendo de lutar contra os animais rebeldes. Se as rezes assustadas decidem voltar, encontram as que estão vindo e todas se chocam em redemoinho, com risco de afogamento. Por duas vezes quando era jovem assisti a um estouro de boiada, é uma confusão perigosa e assustadora.

Enormes que sejam, as fazendas são também quem sabe um tanto pobres, com instalações limitadas, reduzido maquinário e vazias de gente. Num certo sentido, o gado se cria sozinho – ou, como diz o ditado: não é o fazendeiro que cria o boi, mas este que cria aquele.

O Cavalo Pantaneiro

Mesmo que você conheça cavalos, talvez não seja capaz de reconhecer a raça pantaneira. Descendente de animais lusitanos, andaluzes e berberes, ela não se destaca visualmente. São rudes animais de trote, não macios marchadores como os mangalarga do Sudeste. Como me disse um fazendeiro: é cavalo de peão, vai demorar para virar cavalo de patrão. Mas, durante os duzentos anos após sua importação pelos espanhóis e sua introdução pelos índios, eles foram se adaptando ao meio diferente do Pantanal - desenvolveram seus membros anteriores para poderem nadar nas cheias, protegeram seus cascos dos persistentes alagamentos e



CASA DE PEDRA

Loja e Ginásio

Agora em um único endereço !

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca, São Paulo, SP

Tel.: 11 98198-8267

www.casadepedra.com.br

www.escaladaindoor.com.br

acostumaram-se às longas, quentes e úmidas travessias. Sua história me sugere a dos cavalos dos pampas gaúchos.

Lembro que existe também a raça pantaneira de gado, resultante - assim como a equina - da adaptação ao meio ambiente dos animais ibéricos. São menores e mais leves do que os zebus, com os quais têm sido cruzados, num processo de absorção de uma raça pela outra. Existe hoje um movimento para restaurar tardiamente a genética desse antigo gado pantaneiro, cuja origem passa por raças como curraleiro, caracu e crioulo.

No fim do século XIX, os equinos contrairam a chamada peste das cadeiras, que quase causou a extinção da raça. Hoje sua genética foi recuperada e sua utilidade na lida com o gado foi reconhecida. Pois eles são usados para percorrer as fazendas e campear seu gado com força, agilidade e resistência.

As Regiões do Pantanal

Vou repetir ao lado a tabela e o mapa do artigo anterior, na qual o Pantanal foi dividido em dez regiões de norte a sul, das quais as três primeiras pertencem a MT e as demais sete, a MS. Acredito que, no futuro, será dividido num número ainda maior de regiões. Existe até uma classificação de 13 pantanais, e isso somente no Sul.

Aviso que esta não é uma região que se presta a travessias – as distâncias são muito grandes e monótonas, o clima é excessivamente quente no meio do dia e talvez os rumos não sejam tão fáceis, devido à ausência de acidentes geográficos. Mas já encontrei um feliz caminhante que percorreu 60 km na Nhecolândia, sem reclamar de nenhuma dessas condições. Então, talvez haja uma nova possibilidade ainda não explorada, em especial no Pantanal do Sul.

O Pantanal Sul

O Pantanal Sul é repartido em muitas regiões, até mesmo por ter o dobro da área do Norte.

Paiaguás: Este é o maior dos Pantanais, com quase 1/5 da área total brasileira. Assim como para a Nhecolândia, sua situação interior torna complicado o acesso, ocorrendo de carro ou de avião pelo leste a partir de Coxim. Junto com o Nabileque, compartilha as baixas altitudes e as longas inundações. É curioso como essa região tão grande não tem nenhum conhecido local de hospedagem, nem estradas de conexão entre os dois pantanais, aliás como acontece também mais ao sul no Nabileque.

O Paiaguás parece semelhante à Nhecolândia, porém com baías (lagoas) menores e corixos (córregos) maiores, tornando seu visual menos variado. A vegetação é de savana e cerrado, com bastante presença de campos, pois as árvores não chegam a se adensar em matas fechadas. Abrange o maior criatório bovino de todo o Pantanal. É importante a presença dos Rios Taquari e Piquiri, que o separam da Nhecolândia a sul e de Barão de Melgaço a norte - apesar disto, parece ser um tanto

seco.

É grande a presença de animais, com emas e tuiuiús, tamanduás e capivaras, cervos e jacarés. Eles costumam afliuir na seca para as regiões úmidas, facilitando portanto seu avistamento através das regiões planas com a vegetação rasteira dos capins mimoso ou bananal. Nas demais estações, os frequentes carrascais costumam ocultá-los.

Paraguai: Você atravessará esta região pela Estrada Parque, quando poderá notar o solo arenoso e a presença de savanas e bosques, principalmente das palmeiras carandá. Ela pareceu-me mais arbustiva e lenhosa do que os Pantanais próximos. Novamente, é uma região baixa, abaixo dos 100m, funcionando como área de inundação do Rio Paraguai – chega a submergir por meio ano. Ela permite a observação de grande variedade de fauna, desde garças moura, mergulhões e saracuras a capivaras, quatis e tatus. Até onças podem ser encontradas - infelizmente não por mim, nas duas vezes em que passei por lá. É local de piracema de peixes nobres, como dourados, pacus e curimatás. Essa região confina a sul com o estranho Maciço do Urucum (onde existem atividades de mineração) e a norte com a bela e misteriosa Serra do Amolar. Considerada isolado e estranho, o Amolar abriga as grandes lagoas a norte de Corumbá, bem como sítios rupestres e índios guaratós. A seu lado ficam grandes parques naturais, no Brasil e na Bolívia, bem como destacamentos militares de fronteira. Alguns chamam esta região fascinante e remota de Pantanal Profundo.

Junto com o Porto da Manga e o Fecho dos Morros, esta é uma das três principais soleiras rochosas do rio, que represam suas águas e controlam sua velocidade, tornando-o ainda mais lento. É uma área permanentemente inundada, onde o Rio Paraguai percorre meandros de grande beleza, ricos em fauna aquática.

As águas dos Rios Paraguai, Cuiabá e Taquari se unem em coalescência, formando várias lagoas, como Uberaba, Gaíva e Mandioré – existe na primeira um Parque Estadual de 103 mil ha. Mesmo depois das chuvas, eles ficam emendadas: as águas das lagoas a sul se ligam às do Parque Nacional a leste, formando um enorme mar de água doce, que é emocionante avistar de cima, na sua placidez colorida e iluminada. Além destas, existe mais ao sul a Lagoa Vermelha – acredito que a área de todas essas lagoas chegue a 100 mil ha (o tamanho varia enormemente conforme a estação, por um fator de até dez vezes). Houve nas cercanias uma antiga atividade de arte rupestre na Lagoa Jacadigo já no rumo de Corumbá, que como de pois.

Nhecolândia: Deve este nome ao apelido do fazendeiro cujo pai fundou a Fazenda Firme, assim chamada por estar livre das águas – tinha inacreditáveis 380 mil ha e sua colonização feita pelo filho foi um trabalho heroico e pioneiro. Devido à posição interior da Nhecolandia, o aces-

so é difícil, às vezes por Aquidauana ao sul ou Rio Negro a leste - demanda cinco ou mais horas de carro ou uma hora de avião. Este é para mim o mais belo dos Pantanais, devido à presença de várzeas ao longo da planície, ligadas por corixos que desembocam eventualmente em baías. Recoberto por fina areia branca, tem uma provável altitude de 140m, e por isso submerge menos.

Devido à presença das águas no fim da seca à semelhança de oásis, os animais afluem para um mesmo local, quando se podem ver tuiuiús, quatis, colhereiros, vedados, socós, tamanduás e jacarés convivendo pacificamente com o gado. As várzeas são cercundadas por capim mimoso e decoradas no seu interior por samambaias, chapéus de couro e lancetas. E os corixos, por camalotes coloridos de branco, rosa, azul e roxo. Mas existem também baías salobras, suas águas verdes rodeadas por areia sem vegetação.

Além delas, aparecem os campos limpos e os bosques de pimenteiras, piúvas e palmeiras – estes farão mais tarde parte das cordilheiras e dos capões, quando as águas encherem o campo. Estes pequenos bosques me parecem arcas de Noé vegetais, preservando variadas espécies para a estação seguinte.

Aquidauana: Fundada por soldados que voltaram da Guerra do Paraguai, Aquidauana abriga um Pantanal de cerrado, rico em ipês, camarás e canjiqueiras. Separado da Nhecolândia pelo Rio Negro, apresenta campos, savanas e bosques semelhantes. Entretanto sua altitude mais elevada de 150m limita as inundações e facilita o manejo do gado. Seu solo arenoso recebe as águas calcárias da Bodoquena.

O visual de Aquidauana é muito plano, com o horizonte sendo fechado por bosques de árvores mais elevadas. Isto cria um interessante contraste entre espaço e limite. As palmeiras são muito presentes: carandás, acuris, bocaiuvas e buritis, garantindo a alimentação de variadas espécies, como araras, queixadas e macacos. Mas existem também baías, bastante extensas e profundas, em alguns casos com comunicação com os rios. Na época certa, são decoradas pelas flores roxas, rosas, amarelas e brancas das piúvas pantaneiras. Elas são abrigo para araras, jacutingas e acauãs, que vigiam de cima o trajeto aquático das antas, sucuris e jacarés. Visitá-las à tardinha permite esplêndidos visuais do pôr do sol, quando as águas são iluminadas pela luz amarelada do dia que termina.

Miranda: A cidade de Miranda surgiu de uma fortificação para combater os espanhóis. Foi o meu primeiro contato com o Pantanal - quando retornei lá recentemente, revi as características comuns: trata-se da borda sul da região, ocupada por cerrados de altas árvores. Foi uma surpresa encontrar lá grandes jatobás, aroeiras e cerejeiras. Mas sua savana assemelha-se à das outras áreas, com forte presença de palmeiras carandá, abundantes no chaco boliviano.

Situado em terrenos mais elevados, de talvez 160m, não é tão facilmente inundável, deixando de apresentar as baías rasas das regiões mais ao norte (estive entretanto numa região de apenas 115m, ao longo do Rio Salobra). Isto me pareceu associado ao solo algo argiloso, aliás uma exceção no Pantanal. As pastagens podem ser plantadas com capins de alto rendimento, fazendo as fazendas se assemelharem às do Centro Oeste. Embora a meu ver não seja tão cênica como as regiões inundáveis, Miranda apresenta lindas baías de águas mais profundas e permite a visualização de grande variedade de animais: mamíferos como tamanduás, bugios e raposas, e aves como periquitos, seriemas e tapicurus. Contém também cinco aldeias dos índios terena, porém já descaracterizadas pelo progresso. Foi curioso conversar algumas vezes com esses índios – eles mostrando-se adaptados pela vestimenta e linguagem à nossa cultura e eu desejando encontrá-los ainda como típicos selvagens.

Abobral: Junto com Nabileque, é a mais baixa região do Pantanal, com apenas 90m, ou seja, uma planície de inundação. É também a menor das divisões, limitando-se ao vale do Rio Abobral e, parcialmente, do Rio Negro. O Abobral é assim chamado devido à cor alaranjada de suas águas.

Existe algo de especial nesse enclave tão pequeno, talvez na sua vegetação delicada ou na sua topografia indefesa.

A rigor, ele é antes um corixo do que um rio, pois chega a secar, apesar de sua extensão de 80 km (corixos são córregos temporários). Mas, inversamente, na época das cheias o tráfego por terra se mostra impraticável e ele se torna o único meio de acesso – de tão largo, fica difícil encontrar sua calha. É curioso observar as fotos nas duas estações, pois os pastos viram lagoas e as sedes das fazendas parecem ilhas. Seus solos são arenosos, porém com manchas argilosas, recebendo uma vegetação de campo e savana semelhante à de Aquidauana: sarás, pateiras e carandás à beira do rio e camarás, imbuias e figueiras em terra firme. Ao descer o rio, você encontrará ariranhas, iguanas, saracuras e martins pescadores. Nos campos e matas, poderá avistar catetos, bugios e veados.

Nabileque/Porto Murtinho: Com altitude de 80m, é inundável por metade do ano, à semelhança de Abobral. Corresponde à ponta sul onde termina o Pantanal brasileiro, na cidade de Porto Murtinho. Cercada hoje por um dique para protegê-la das enchentes do Rio Paraguai, surgiu como um local para centralizar e escoar a produção de erva-mate. O solo argiloso e impermeável desta região torna sua drenagem ainda mais difícil. Os Rios Nabileque e Paraguai tornam-se então os únicos meios confiáveis de transporte. Sua vegetação é entendida como uma extensão do chaco boliviano, com sua alta concentração de palmeiras carandá. Visto do alto, suas altas copas dão a impressão de constituírem uma mata fechada, o que não chega a ser o caso. Porém, possui também árvores frondosas como os jacarandás. Os camalotes costumam navegar pelos rios, simulando grandes ilhas verde-

jantes. É local de pesca do dourado, pacu e pintado nos rios maiores e do bagre, piranha e traíra nos menores, sendo quase que apenas visitado por pescadores. Convém lembrar dois acidentes geográficos interessantes: a Lagoa Jacadigo a sul de Corumbá e o Fecho dos Morros, a norte de Porto Murtinho. Jacadigo é uma formação rasa e intermitente, cercundada pelo Maciço Urucum. Foram lá encontradas inscrições de petrogrifos em lajedos planos, com belos padrões abstratos. O Fecho dos Morros, como já comentado, é uma serra transversal ao Rio Paraguai, com uma grande elevação central, funcionando como uma soleira rochosa responsável por seu represamento.

Uma Estranha Comparação

Talvez você tenha lido meu artigo sobre

As divisões do Pantanal



Divisões	Área (mil km²)	Distribuição Percentual	Observação
Barão Melgaço	19	13%	entre os Rios Cuiabá e Piquiri
Poconé	18	13%	entre os Rios Paraguai e Poconé
Cáceres	17	12%	entre o Rio Paraguai e os Parecis
Paiaguás	26	18%	entre os Rios Piquiri e Taquari
Paraguai	7	5%	bacia sul do Rio Paraguai
Nhecolândia	25	18%	entre os Rios Taquari e Negro
Aquidauana	7	5%	bacia do Rio Aquidauana
Miranda	6	5%	bacia do Rio Miranda
Abobral	2	2%	bacia do Rio Abobral
Nabileque	13	9%	entre o Rio Paraguai e a Bodoquena
Total	140	100%	

Nota: As áreas não foram obtidas diretamente e sim calculadas a partir dos percentuais acima, divergindo de dados encontrados em diversas outras fontes.

Galápagos logo antes destes dois textos do Pantanal. Embora as duas regiões sejam consideradas paraísos ecológicos cheios de vida e de natureza, acredito que tenham mais diferenças do que semelhanças. A começar por suas origens, que são bem distintas: Galápagos surgiu recentemente e de forma insegura por ação vulcânica e o Pantanal, remota e estavelmente por lentas forças erosivas. Os dois são aparentemente enormes, pois todo o Pantanal (não só no Brasil) abrange 220 mil km², enquanto a reserva marinha do arquipélago tem quase 2/3 deste tamanho. Porém o arquipélago em si – ou seja, o parque natural que o contém, que é onde o turismo acontece – é uma pequena fração desta área. Galápagos ocupa apenas o equivalente a meia dúzia de Municípios brasileiros, enquanto

o Pantanal tem quase o tamanho de um Estado inteiro nosso. Ambas parecem regiões abertas, voltadas para a comunicação plana através do mar ou da terra, mas isto é ilusório. A enorme distância que Galápagos fica do litoral limitou sua vida silvestre; ao contrário, o Pantanal é local de fácil trânsito da fauna. Não é surpreendente encontrar um alto endemismo naquele nicho ecológico, comparado com um baixo índice aqui. Assim, são apenas seis os tipos de mamíferos existentes no arquipélago, naturalmente, associados ao mar – enquanto no Pantanal existem mais de cem espécies. Mesmo as aves são aqui mais abundantes do que lá, e por um fator de quase dez vezes. Como Galápagos só é realmente aberto abaixo d’água, os peixes lá são mais variados, devido ao abraço das correntes marinhas. Também a vegetação é muito diferente, com presença de mangues, pampas e matas nebulares em Galápagos, com diferenciação conforme a altitude. Já o Pantanal apresenta um aspecto bem mais uniforme, com predominância de campos, savanas e cerrados, embora com muito maior diversidade. É curioso notar que isto ocorre mesmo estando essas duas regiões sujeitas à mesma forte alternância entre as estações seca e úmida. Mas em Galápagos as populações são pequenas e no Pantanal, abundantes.

O que me leva a uma última comparação: Galápagos muito depende do regime das chuvas para renovar sua natureza – e, sob este aspecto, é semelhante a qualquer outro lugar, inclusive o Pantanal. Mas este dispõe do fenômeno único da deposição do húmus durante as enchentes, para fertilizar o seu solo. Em Galápagos, isso acontece não acima, mas abaixo do solo, quando as correntes marinhas carregam nutrientes para a vida do arquipélago. Galápagos me deixou a impressão de um ambiente rochoso e áspero onde a sobrevivência é difícil, enquanto o Pantanal pareceu-me uma região amena e acolhedora de vida farta.

Os Riscos Ambientais

Não estou certo de que o equilíbrio ecológico do Pantanal esteja sendo ameaçado, apesar das denúncias, entre as quais sobre a pesca, a mineração, a pecuária e a navegação. Listo a seguir as principais ameaças de que tive conhecimento.

Agrotóxicos: Devido ao curso dos rios na direção da planície pantaneira, os agrotóxicos das lavouras do planalto estariam contaminando o Pantanal. Ocorre, porém, que as regiões produtoras de grãos estão a leste da faixa de 100 km contígua ao Pantanal. Nesta condição, os rios que banham as lavouras fluem na direção inversa. Entretanto, há cursos como o Piquiri e o Taquari que, de fato, chegam ao Pantanal depois de passar por regiões agrícolas e apresentam água de pior qualidade.

Assoreamento: O exemplo é o do Rio Taquari, impactado pela erosão da agropecuária do planalto. A terra assim carregada acabou por entupi-lo, fazendo-o transbordar do seu leito – ele não mais parece um rio, e sim uma enorme lagoa. Ocorre, po-

rém, que a geologia fraturada do Taquari criou condições para o solapamento e o desmonte do arenito do seu leito. Sua foz no Paraguai é considerada o maior delta aluvial do planeta. Assim, o exemplo do Taquari está longe de ser aplicável a qualquer dos demais rios.

Pastagens Africanas: As áreas menos inundáveis estão sendo plantadas com os capins africanos, de maior rendimento, em substituição aos nativos. Evidentemente, existe aí uma descaracterização da flora, mas é improvável que os novos capins possam avançar até as regiões alagáveis, por não resistirem à longa submersão. Acredito que este também seja o caso das culturas de arroz das partes altas (confesso que não vi nenhuma). Existem, sim, lavouras de arroz pantaneiro, nativo da região.

Plantio de Cana: No passado, grupos econômicos tentaram iniciar o plantio de cana na região, mas foram impedidos pelas autoridades ambientais. O solo pobre e frágil do Pantanal não parece de fato adequado a uma cultura tão violenta e desagregadora como esta. Existe o temor de que esta iniciativa venha a ser proposta (como antes) para a região da Bodoquena, onde existe pelo menos uma fazenda enorme. Suponho, entretanto, que hoje em dia seria ainda mais difícil a aprovação.

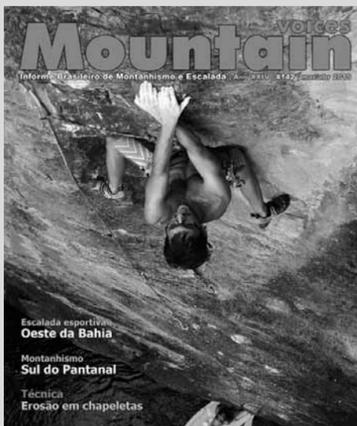
Polo Siderúrgico: Como existe minério de ferro em Urucum, foi mais de uma vez sugerida a construção de um polo siderúrgico em Corumbá, com escoamento da produção pelo Prata. Não estou convencido de que a siderurgia venha a ser tão poluente, dados os controles hoje praticados. Além disso, por razões um tanto técnicas, acho esta proposta inviável do ponto de vista econômico, apesar da presença lá da mineradora Vale. Da mesma forma, os planos para um polo gás-químico não progrediram.

Hidrovia Paraguai-Paraná: Existe a intenção de acelerar a velocidade do lento Rio Paraguai a partir de Cáceres, de forma a dinamizar o transporte fluvial nos 3.400 km da bacia Paraná-Paraguai. Isto implicaria dragagens, retificações e derrocamentos no rio. Evidentemente, essa proposta alteraria a drenagem de todo o Pantanal. Acho quem sabe impossível avaliar efeitos de tal magnitude e acredito ser mais uma ideia lunática, que contaria com tal oposição - inclusive na Justiça, onde tramita há dez anos - que não seria implantada.

Mas conheço a tristeza que é hoje a foz do São Francisco, um rio enfraquecido que perde dia a dia a batalha contra o mar. E vi os danos causados pela Vale em sua terra natal na Itabira mineira, com suas paisagens desoladas. Também já assisti à desertificação das terras rasas amazônicas, à destruição das restingas e encostas litorâneas, à remoção dos cerrados pelas pastagens e pelos grãos, ao empobrecimento social e ambiental pela monocultura. E observo agora o poder dos grupos industriais e da agropecuária paulista, que penetram cada vez mais na região. Que tais fatos nos alertem para a preservação do equilíbrio tão belo e único do Pantanal. ortenblad@terra.com.br

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes. Editor: Eliseu Frechou Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000. E-mail: contato@montanhismus.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Matheus Sguilaro, escalando em São Desidério-BA. Imagem: Aline Leão.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/06/2015.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....)
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
() Renovação assinatura - R\$ 20,00
() Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
() Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
() Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
() Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
() Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00

142

Total00

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região



LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



DÍAS DE TEMPESTADE
mp4 e wmv

Manuais de Escalada e Montanhismo

Pedra do Baú Itatiaia Serra do Cipó

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



E você, resiste? Equinox, produtos irresistíveis!



www.equinox.com.br



Desde 1989 preparando montanhistas para grandes desafios.

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Telefax: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

LANÇAMENTO

CONQUISTA

Shelter BIKE

corta vento

- Modelo slim
- Pode ser guardado no próprio bolso
- Para bike e caminhadas
- Possui fitas refletivas na frente e nas costas
- Masculino e Feminino

www.conquistamontanhismo.com.br
facebook.com/conquistamontanhismo1990

DRY SHIELD



ELEITA PELO GUIA DE EQUIPAMENTOS GO OUTSIDE A MELHOR BOTA TREKKING NA CATEGORIA CUSTO BENEFÍCIO

PRODUZIDA SEM MATERIAIS DE ORIGEM ANIMAL.

CONFORTÁVEL, 100% IMPERMEÁVEL, MALEÁVEL E SEGURA.

NOVA TECNOLOGIA, DESENVOLVIDA EXCLUSIVAMENTE PARA O MELHOR DESEMPENHO NOS MAIORES DESAFIOS.



FOTOS REPARAMENTE ILUSTRATIVAS

CONCORRA A UMA

BIKE SNAKE



BASTA CADASTRAR O CÓDIGO QUE ESTÁ JUNTO COM SUA DRY SHIELD NO SITE SNAKE.COM.BR E PARTICIPAR